

Capítulo 1 - DOI:10.55232/1082025.1

DEFRUTE: ENTRE AS AÇÕES, PERFORMANCES E A DISSIDÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA DE HILDA HILST E JOÃO GUIMARÃES ROSA.

Maria Eugênia Lima Soares Trondoli Matricardi

RESUMO: A intersecção entre ações, performances e a literatura destila relações de desejo que deslizam, vertem outras formas, desconfigurando as formatações de gênero expressas por marcadores heteronormativos. Entre as mangas e beterrabas como objetos de desejo a serem degustados e destruídos nas performances, a encruzilhada de imagens nas performances e a subversão de gênero apresentada pelas personagens de Hilda Hilst e João Guimarães Rosa transitam por circuitos de afetos que nos fazem navegar por paisagens subjetivas que desconstroem estereótipos de gênero. A aproximação com a linguagem literária subsidia o texto poético para que, na torção da língua, a produção da relação de encontro com as imagens das performances se dilua entre a realidade e a ficção.

Palavras-chave: Ações, performances, literatura, dissidência de gênero.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre o diálogo entre performance nas artes visuais, *ações*, como gestos de produção de afetos de redimensionamento sensível no mundo, e, a literatura brasileira, a partir de João Guimarães Rosa em “Grande sertão: veredas”, e, Hilda Hilst em “Obscena senhora D.” Processos que identifico como deslizamentos de gênero e desconstrução do corpo serão abordados em “Desfrute”, ação de Maria Eugênia Matricardi e “Trajeto com beterrabas”, de Ana Reis, a partir de uma escrita poética que intersecciona *ações*, imagens literárias e práticas de subversão de marcadores binários, presentes no imaginário da heteronormatividade como estruturação de um sistema de pensamento.

A escrita venta por entre a literatura, filosofia, ciências sociais, políticas estéticas e epistemologias do sul, diluindo e difratando fronteiras sensíveis e epistemológicas no corpo da pesquisa, entendendo a importância de gerar mundos a partir da horizontalização e poética da relação entre essas epistemes.

DISCUSSÃO

O desejo escorre entre os dedos, transbordante, doce amarelo, felpudo. Lambe a língua, pós-pornográfico desejo de objeto sem corpo, sugando desfrute molecular, não dócil, mas frutose. Entre lábios, entre, deleite. Entre os dentes, pelos, fibras, fiapos, índice de encontro. Destilo excitação.

A cada mês, deixava crescer os pelos. Certa monstruosidade de monga de circo mambembe, corpo em transformação, mutação, contrassenso asséptico, desterritorializando sovaco, tronco, pernas. Jogo de espelhos, ilusão consentida. Pequenas próteses estéticas de pelagem desarrazoada, *lobiswoman*, *mujer*, o que é uma mulher? Se não homem, outra abstração, coisa de bicho, bixa, pois desfazia no crescimento dos pelos, deliciosa deixação da razão do gênero que me foi imposto. Esse quase nada arrasava as expectativas da binariedade, tão frágil, fracassava bem gostoso, enquanto esse (des)reconhecimento se alastrava pelo tempo de experimentação de outro corpo.

A compressão dos seios, já pequenos, bem verdade, como se estivessem se desenvolvendo há alguns meses, injetada dose de hormônios, não preenchem uma mão, mas cabem perfeitamente na boca. Atados na amarração de uma faixa, esse tecido hospitalar de cirurgias estéticas, cobrem, como curativo de disforia de gênero, mamilos pontiagudos

perfurados por joias metálicas. Certa feminilidade amarrada como se, por privação do corpo e do gesto, o desejo pudesse volver ao movimento de forma mais sensível depois, *bondage* de peitos. *Drag-me*.

A navalha corte espadachim das travestis, desfia o cabelo. Volume, volúpia, a(r)mada até os dentes, na assimetria dos fios eriçados por laquê, bote de naja, o corpo cresce, uma ereção inteira de coluna eletrificando tamanho, ejaculado no *picumã* do *pajubá* caboclo que toma o espaço, fere a língua, desvela, desdenha e desgrenha a invenção de si enquanto manifestação do *close*, do *gloss* e do gozo que escorre da manga.

Essa amarração, nem traz amor de volta em sete dias, nem arria vela com mel, maçã e champanhe em ponta de esquina, dadas gargalhadas pomba-gira, mas, subverte uma expectativa de corpo que descola desejo de gênero, gênero de corpo biológico, gozando com a manga em devir não humano em navegação não binária, por acolher a fluidez de outras performatividades¹, aglutinadas, ágrafas, que escorrem lubrificação em dia fértil e não fértil, *polinizando outros mundos* (ROLNIK, 2018); desses de lua cheia em escorpião, tesão cósmico, comigo, mergulhando no universo do cu como espaço sem borda, sem ossos, deslimites do sendo. As amarras inventam outro corpo, deformando a narrativa da realidade, suprimem seios, jorrando erupção de outros devires, reorganiza o tórax que negocia com o ar a respiração. O desconforto gera uma reorganização muscular, as vísceras parecem se acomodar de outra forma na arquitetura das costelas. Omoplatas adentram, peito aberto, *phatos*, corpo fechado, sexualidade dissidente.

Da musculatura posterior das pernas, panturrilhas, pés em semiponta, ancorados no metatarso, a prótese pontiaguda do salto agulha se alonga a partir dos calcanhares, demarca o chão, caminha como quem reafirma os passos no espaço sonoro, toc, toc, toc, exalando continuamente frequências de ondas tal como agulha arranhando vinil em suas curvas espirais, abrindo espaço no tempo. Envernizado e preto, feito noite, *stiletto*, estilete, abrindo corte; esse adorno do desvio acolhe, flerta, faz suruba promiscuamente com elementos pertencentes tanto ao que se chama universo masculino, quanto feminino, quanto indefinido, pan gênero. Pelos, cueca, amarração de peitos, salto, manga, pau, buceta, pelo corpo deriva em gozoso deleite ambíguo.

Vermelho, fúcsia, verde, roxo, rosa intenso. A *bitch corazonada* do corpo se confunde com *beat* do som, flash, luz apagada-acesa, reluz, fragmentando gestos sem fim de curtas

durações. Difratação do tempo na auto ficção de si, construção-desconstrução de realidades. Vejo decote da mulher-aranha, há certa proteção dessa santa travesti preta que dança projetando o halo de luz sobre sua cabeça. Ninguém toca esse corpo quase nu. Langor do quase, na exuberância de existir sem medo em *espaços heterotópicos* (FOUCAULT, 2013), escorrendo como caldo pela boca, pescoço, seios, mãos, braços, rio luxurioso, lascivo, viscoso, molhado. Essa luz piscante, picante, biscate, sorvia corpo à manga, *colava a boca à minha desordem* (HILST, 2020).

Sensualidade d'Oxum. Amarelo ouro. Desejo de crônica de Nelson Rodrigues: sabe daquele pão com ovo embrulhado com papel pardo, sabe? Amarrado com barbante, que, no desatar do nó a roupa de papel se cai e seu desnudamento erótico se revela, se sabe observado, com a gema mole, naquele ponto, naquele mesmo, pronto a ser devorado escorrendo pelo canto da boca, ao invés da merenda repetida da miserável banana; essa gema, comida despidamente sem o menor vestígio de etiqueta, indomesticado gesto, esse transbordamento público do íntimo age como potência erótica de conexão de *circuitos de afetos* (SAFATLE, 2015).

Os dedos retiram o esparadrapo. A ponta do tecido desdobra as voltas em metros emaranhados na palma da mão. Uma esfera, atadura enrolada, suporte de desejo, volume de pau, se revela e se esconde, em gesto guardado na cueca, acomodando o calibre voluptuoso, *rastro/resíduo* (GLISSANT, 2013), corporifica, encarna, engole outro corpo na metamorfose de si, sem saber nem quando, em expedição de deslimite. Os seios tomam o lugar do visível novamente, mamilos tesos, (des)velam outras ambiguidades no jogo tira-bota-tira, velcro, alquimia estética, encontro *ciborgue* (HARAWAY, 2009). Volume guardado em tecido algodão, clitopau ereto, saliva a boca, cuceta, cetim branco recortado, lençol de motel? Motel *heterotópico* (FOUCAULT, 2013). Superfície-lugar onde se vive desejo, se acaso me quiseses, um corte de cetim cobrindo voracidade. Tecido retirado, pele exposta, carne manga rosa, succulenta. Pontas de dedos delineiam a curva, fruta doce, rouba o cheiro feito cangote em forró suado, beijinho safado dengando língua muda com palavras inaudíveis.

Mordida. A fenda se abre, rasga, dá espaço aos dedos debaixo da pele. Escorre, goteja. Em movimento vaivém, delicado, entregue, flui, aprofunda, encerra distância com boca, aberta com força, penetra a língua, ofegante, se afoga no sumo, suga, lambe textura, sedosa na boca liquefeita, obscena. Um *sendo* que se descasca.

Do macio centrifugado por boca-dentes, estraçalho linhas, felina despedaçando presa, estilhaço de carne sem carne, sadismo cortês gentilmente lambuzado. A textura suave vai dando, dando, espaço à aspereza. A boca, infinito íntimo, justeza do vício oral, chupa até o caroço, encontrando núcleo duro fiaposo que contrasta com a suculência da polpa. Arrancando, um a um, o fiapo dos dentes, pentelhos escorregadios, se exibem entre os dedos, como vestígio de contemplação, espreita *voyeur*.

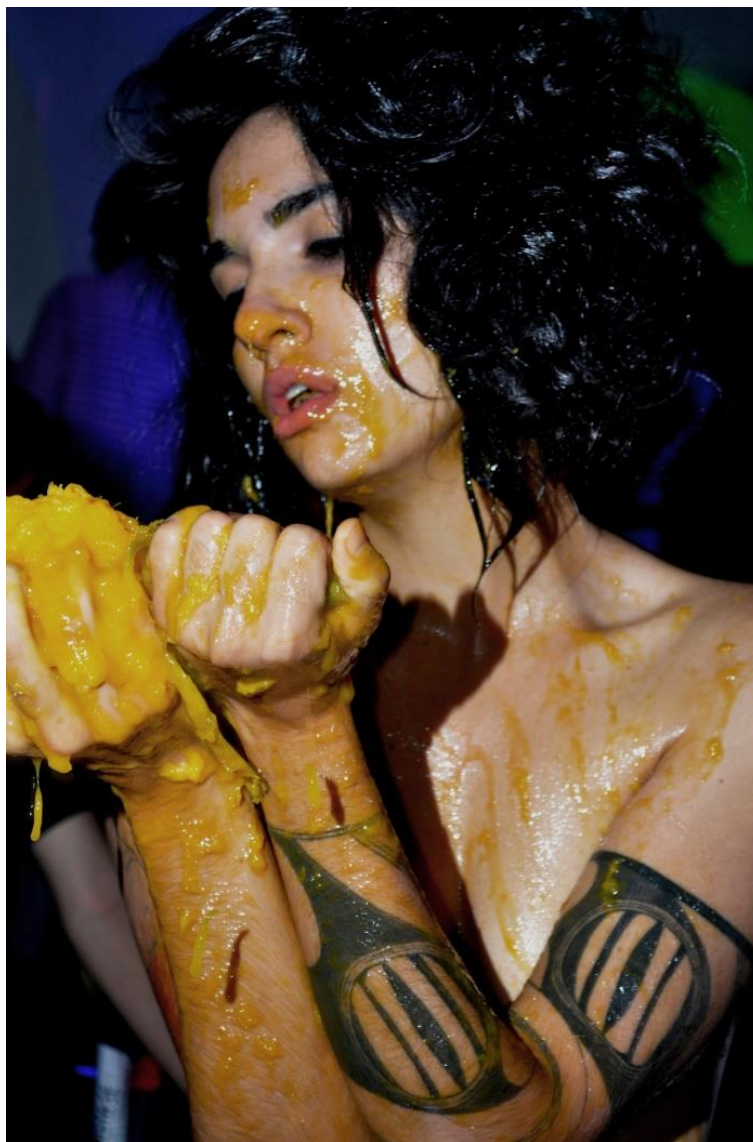


Figura.1. Desfrute. *Ação* de Maria Eugênia Matricardi. 2010. VIII ENUDS. Foto: Rayane Noronha. Tratamento de imagem: Ricardo Gauthama.

Tecendo certo circuito de *ações*, hortifrúti performático, vegetal corporificado, percorro, em *Trajetos com beterrabas*, a *ação* de Ana Reis. Com ralador grande de metal e madeira, bacia branca, vestido branco para dar margem à pintura em campo ampliado, em

movimento repetido, ofegante, exaustivo, ela rala, no sem fim de gesto, uma dezena de beterrabas frescas, deixando escorrer sobre seus braços, torço, corpo, a ruptura virtual de um desejo que transita pelo sangue menstrual, a violência doméstica, a respiração ofegante de um encontro sexual, dentre tantos outros possíveis a depender do contexto. Pelas mãos, as palavras de Ana Reis:

Ocorria-me que a pigmentação vermelha sobre a roupa branca, junto à repetição-eroticidade da ação, as fazia remeter a algum momento de suas vidas: à primeira menstruação, aos rituais de perda da virgindade, a uma agressão ou violência doméstica, ao nascimento de um filho, seus corpos experimentando afeto ou prazer (REIS, 2011, p. 99).

De certa forma, essa relação dor-prazer evocada pelo público passante nos permite refletir sobre o desejo e a territorialização de certo imaginário social acerca de índices de feminilidade como lugar vulnerável, invadido, prenho de mistério desarrazoando os limites do dizível, mais próximos talvez à loucura, às águas do universo emocional e à animalidade do corpo-bicho que gesta, nutre e sangra. Por Hilda Hilst: *nomeia as ilusões, afasta-te da vertigem. hen? loucura é o nome da tua busca. esfacelamento. cisão. derrelição.* (HILST, 2020, p. 32). Do insólito manifestado na rua, tal qual *terceira margem* (ROSA, 2001b), o não reconhecimento do gesto como arte se faz *ação*, sem gramática para nomear, a ruptura do hábito, como gesto social, aproxima o feito da loucura no aquoso dos olhos das gentes. *Terceira margem* (ROSA, 2001). Dão razão à boca para apontar uma margem de segurança, porção de terra que tenta pôr limite no deslimite, mas que fracassa sempre que outro tempo se refunda no deslimite do deslimite (GLISSANT, 2014).

O gesto íntimo compartilhado de forma pública aciona os dispositivos da aversão ao sangue menstrual, da agressão no ambiente doméstico exposta na rua, dos ritos sexuais a manchar lençóis como demarcação de propriedade. A cartografia se desdobra de formas diferentes na *poética da relação* (GLISSANT, 2013) a depender do encontro com as subjetividades passantes. Em cada cidade pela qual a *ação* percorreu, como: Salvador, Uberlândia, São Paulo, Belo Horizonte, João Pessoa; um mapa, *rastro/resíduo* (GLISSANT, 2013), de beterrabas, era deixado no espaço.



Figura.2.*Trajeto com beterrabas.* Ação de Ana Reis. III Seminário de PPG – Artes UFU, 2011. Foto: Paulo Rogério Luciano.

O *tempo espiralar* (MARTINS, 2003) nos reconecta com as mulheres do interior, relação com ancestralidade, braços ralando milho para pamonha, doces de frutas em compotas. O retorno ao doméstico, *trajeto com beterrabas* trazidas por um carrinho de feira, em espaço público, tece deslimites: politizar o espaço íntimo pode ser, de certa forma, diluir a relação entre a esfera pública e privada, politizando e polinizando o espaço público. Da força simbólica explosiva dessa *ação* restam os estilhaços de beterraba contornando o espaço.

Os dedos sangram quando a pele flerta com o ralo. O vermelho-rosa intenso escorre das beterrabas, refazendo-se sangue como veias abertas escorrendo pelo braço. Os dentes de metal do ralador desgastam a matéria poética trazendo a belicosidade erótica da cozinha. Quem diria? Talvez um dos lugares mais sensuais e perigosos de uma casa. As facas, cuidadosamente afiadas na pedra, gemem, rangem ao ganhar fio cortante. Quase um shhhh, shhhh, shhhh, contínuo, sussurrado ao ouvidos em segredo. Batedores de ovos, descascadores, tábuas palmatórias e tantas possibilidades de um repertório BDSM cuidadosamente elaborado para despertar a língua a outros saberes, sabores, nutritivamente deliciosos, fazendo-nos frequentar outros territórios sensíveis.

A dissidência de gênero nesta *ação* pode vir a desvelar o fracasso das expectativas acerca da mulher cis como categoria social, ou ainda, reafirmá-lo para subvertê-lo, refazê-lo, ressignificando-o de outras formas. Algum problema em ser binária? Não, mas transbordar lugares de contenção e estereótipo pode ser importante para percorrer em si um tempo próprio, gerando outros espaços. Em presença, o gesto-dança gesta silêncio, o som do rrrrrrrrralador se mescla à exaustiva repetição, que, com delicadeza, com energia, com ímpeto, em alguns momentos, se mescla com raiva; o gesto simples vai fazendo descolar as camadas ordinárias do comum, gerando uma energia de densidade erótica que inverte o dispositivo de *vulnerabilidade* (ROLNIK,2006), transformando-o em potência.

A mulher no centro da teoria feminista, a esposa, nunca fica fora do domicílio. Como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma. O problema não é que a conceituação feminista comece com a família, mas que ela nunca transcenda os estreitos limites da família nuclear. Consequentemente, sempre que mulher está presente, torna-se a esfera privada da subordinação das mulheres. Sua própria presença define-a como tal (OYEWÜMÍ, 2004, p.10).

Pensar em outras perspectivas de gênero, ou até mesmo questionar as categorias “homem” e “mulher”, incluindo a heteronormatividade compulsória de seus binarismos, difrata nosso horizonte de existência. Outras epistemologias, imagens e conceitos nos sugerem certa diluição da fixidez discursiva, que, inclusive, narrativas empoderadoras bastante vinculadas à historicização conceitual do feminismo branco nos trouxeram. Estes estudos são profundamente importantes, no entanto, dentro de uma perspectiva de revisão histórica e acolhimento de outras epistemologias, a interseccionalidade das intelectuais afro americanas e latinas trouxe o cruzamento complexo das questões de raça, classe e gênero, requalificando as discussões por via de críticas e perturbações que podem ser acolhidas e debatidas como polinização de *lugares possíveis*.

Estes conceitos que constituem a categoria “mulher”, que existem em relação ao seu aparentemente oposto “homem”, costumam ser vinculados à ideia de família nuclear em sentido euro centrado. O problema é assumir a categoria “mulher” e suas formas de subordinação como universais. Em Iorubá, *omo* seria a designação para criança, talvez traduzida ainda como prole, não havendo inicialmente uma diferenciação para menino e menina. Os papéis dentro da família se dão em categorias mais fluidas e situacionais, contextualizando algumas hierarquias dentro de marcadores como antiguidade relativa e não categorias fixas de papéis de gênero. Não existe, por exemplo, na construção familiar

iorubana, segundo a pesquisadora Oyèrónké Oyewùmí, o conceito de mãe solteira, porque a maternidade em si não está atrelada à ideia de um marido. Outras formas de produção de modos de vida que revitalizam os olhares e diferenças podem trazer certa oxigenação dos nossos afetos, produzindo outro corpo.

As mãos se elevam, recolhem os estilhaços da beterraba espremendo-os sobre o corpo. Rio vermelho com afluentes surge contornando os braços. Escorre em tonalidades diferentes, colorindo a partir da oxidação em relação de encontro com cada matéria corpo, vestido, chão e metal do ralador. Uma paleta rosa-vermelha-roxa-marrom (des)limita o espaço, firmando lugares na sobreposição cartográfica de elementos diferentes desse mapa.

O *rastro/resíduo* (GLISSANT, 2013) das beterrabas agenciam a cor, os restos e os gestos, como dispositivos de alteração da paisagem. Esse espaço físico, permeado pelo encontro de subjetividades passantes, naufraga como continente de significações coerentes, fracassando o *pensamento de sistema* (GLISSANT, 2013), que afundado no mar da imprevisibilidade, volta a emergir como paisagem arquipelar e movente, tropeçando em outras rotas de pensamento sensível nas quais a vitalidade terrosa e colorida das beterrabas nos sugere navegar. Carços de manga chupados, suculência amarela derramada pelo espaço. Beterrabas rio-vermelho, veias abertas de *Abya Yala*. Repetição-eroticidade fracassando expectativas normativas das construções de gêneros.

Salto em verticalidade, índice fálico. Fetiche. Do latim, *facticus*, artificial, não-natural. O que seria natural em meio a tantas próteses culturais, corpo *ciborgue*? (HARAWAY, 2009). Feitiço, magia, relação erótica com objetos inanimados, certo animismo? *A Obscena Senhora D.*, de Hilst, no vão da escada vivendo seus delírios metafísicos enquanto cria peixes de papel pardo em aquário? Esse desejo da Senhora D. pela presença de um corpo que já não existe mais, morto, porém consistente, habitando devaneio, desejo e conversa. Eles duram pouco, os peixes de papel, esfarelam entre os dedos: poderiam conectar, de certa forma, o desejo enquanto vínculo erótico, morte e destruição?

Quando Ehud morreu morreram também os peixes do pequeno aquário, então recortei dois peixes pardos de papel, estão comigo aqui no vão da escada, no aquário dentro d'água, não os mesmos, a cada semana recorto novos peixes de papel pardo, não quero mais ver coisa muito viva, peixes lustrosos não, nem gerânios, maçãs, romãs, nem sumos, suculências, nem laranjas (HILST, 2020, p. 5).

Peixes lustrosos não. A personagem vive a lucidez da sua relação erótica com o homem morto trazendo a reterritorialização do seu desejo para os peixes de papel. Uma reatualização da vida por via da morte. Morte presente enquanto consistência, não existência da vida, na destruição dos objetos inanimados. Mangas, beterrabas, a exuberância da suculência da eroticidade vida, que mergulhada no amarelo sumo das mangas ou na virtualidade do sangue das beterrabas, se engaja com veemência no agenciamento de um desejo que destrói seu próprio objeto desejado; se dilui, se funde, se esgota, morre e renasce. Segue no *sendo* descascado. Caroços e bagaços espalhados pelo chão.

Falo por dedos, salto, braços, volume na cueca. Vulva por boca, olhos, mangas, suculência e derramamento. Outro sexo na repetição-eroticidade? Desejo desterritorializando genitais, útero, sentidos, veias, sangue, gozo, pele, pelos, imaginários, reterritorializado em frutas, tubérculos? Algo de derrelição, de morte, de esgotamento, de desamparo nessa exuberância que destrói objeto de desejo se fundindo e lambuzando em fruta-corpo-sangue?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como *desfrutar* o afeto que escorre de nossas práticas bixas, ou até mesmo diferentes formas de mulheridades e contra masculinidades em nossas latitudes? Seria suficiente aderir à *queer theory*? Não seria *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, escrito em 1958, um diálogo sobre travestilidade e uma possível transsexualidade de Diadorim? Compartilho em análise e afeto a pesquisa de Laísa Bastos (2016) em seu artigo: *Diadorim trans? Performance, gênero e sexualidade em Grande Sertão: Veredas*; pois assim como Riobaldo, eu também me apaixonei por ele.

Ser-tão pode se dar como encontro geopoético, infiltrado de estesia, derrelição e metafísica narrada: “*o diabo na rua, no meio do redemoinho*”. Riobaldo nutre por Diadorim um desejo homoerótico, renegado entre veredas por se entender dentro da virilidade sertaneja, esse *sendo*-jagunço disposto sempre a se dispor da vida em nome de sua honra masculina a atirar-se com valentia em direção à morte, ao risco, às balas, lâminas, seca, ao nomadismo e à clandestinidade, sem pertencências. Jagunço, em sertão não tem quase nada, a não ser o cangaço de sua palavra.

Diadorim era nome em segredo para Riobaldo, em bando era conhecido por Reinaldo. Desse nome escorre desejo na contação da narrativa por Riobaldo:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – Diadorim, meu amor. Como eu poderia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente [...] um Diadorim só para mim (ROSA, 2001b, p. 307).

A ambiguidade na narrativa de Rosa, não revela completamente o arquétipo encarnado por Diadorim. A guerreira amazonas ou Joana D’Arc vencendo a guerra depois morta na fogueira, será? A travestilidade de Diadorim não parece ser apenas um dispositivo para acessar o bando de jagunços e concluir a vingança por seu pai Joca Ramiro, há nesse manuseio da construção da personagem a ambiguidade da performatividade de gênero desde jovem, *antes de compor o bando* (BASTOS, 2016), onde estava longe da necessidade de se disfarçar para não colocar em dúvida a unidade e código de masculinidade do grupo.

Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, dêsse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos delicados – Você também é animoso... – me disse. Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia era de outra qualidade (ROSA, 2001, p. 123).

Nesta passagem, Riobaldo em rio com Reinaldo atravessando em canoa. Eram jovens, antes de jagunços, o recorte surge como memória de Diadorim menino, naquele antes em que já se vestia homem e se defendia com faca amolada: *“E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, dêsse a minhas carnes alguma coisa”*. Na melhor parte da pele, portal-poro que desborda os limites do corpo, pele mais funda que o Urucua, correnteza adentro veio-sangue, eriçando pelos, fazendo delírio razão de vida, um encontro toque, olhos, *dedos delicados – Você também é animoso...* amanhece aurora como elogio. Nesse mesmo encontro surge um homem anônimo, no meio do mato, sugerindo em tom lascivo um encontro a três. Dispensado com sedução e facada, o menino limpa a lâmina do sangue no pasto, sem mudar a expressão nem avistar medo. Os índices da subjetividade de um homem trans que talvez não assumisse sua homossexualidade em Diadorim, aparecem neste corte.

Esta ambiguidade é construída ao longo do texto, em que Diadorim comenta com Riobaldo, *“Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...”* (ROSA, 2001, p. 125). Se banhava, sempre no longe dos olhos alheios, na calada da noite. Ocultava o corpo que foi (des)velado apenas enquanto cadáver. A mulher só aparece

enquanto corpo morto, impedida de assumir seu heroísmo por ter matado Hermógenes e ganhado a guerra. Desvelamento de sua biologia, não de sua subjetividade. Essa diferença apresenta a *opacidade* (GLISSANT, 2014) onde nem tudo emerge à superfície. A imagem de Diadorim faz fracassar as expectativas de gênero instituídas na binariedade: como mulher, seria absolutamente intensa, destilando seu amor e crueldade com a bravura e o rigor capaz de jogar ao chão qualquer homem que se dispusesse a enfrentar, tampouco ficaria em casa prometida em casamento. A força bruta, a racionalidade estratégica, a sensibilidade compartilhada com Riobaldo ao descrever o ínfimo de cada paisagem e a boca de poucas palavras são parte de sua performatividade, ora masculina, ora não definível em marcadores de gênero. Protegia as mulheres que apareciam pelo caminho e rejeitava qualquer relação com elas. Poderia ser descoberto? Mas ao mesmo tempo não compactuava com a possível objetificação das mesmas. Como homem trans, apesar de sua relação homoafetiva, e até mesmo homoerótica com Riobaldo, não se permitiu, como ser-jagunço, viver a sua própria homossexualidade.

A fuga do bando é sugerida por Riobaldo, para que eles pudessem encontrar paz no longe da jagunçagem. Essa opção é repelida por Diadorim, que reforça o código de honra e jura de vingança, lembrando a força da palavra cangaço. Ele não vacila, não duvida e não demonstra medo, reforçando os códigos de masculinidade. Sê mistério.

Fecundando o imaginário por via de *Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa; do sertão, fraturado como estereótipo da heteronormatividade, ainda que frequentando estes dispositivos como lugares de trânsito, a complexidade da construção das personagens nos envereda pelo fracasso da objetivação de uma intenção definida, do corpo e do desejo como paisagem a ser percorrida de onde desponta o não sabido. A narrativa parece não revelar o gênero de Diadorim ou a sexualidade de Riobaldo por completo. Diadorim era, para Riobaldo, um impossível. Vivia em seu corpo, a própria *terceira margem* (ROSA, 2001b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. Diadorim trans? Performance, gênero e sexualidade em Grande sertão: veredas. I Simpósio nacional de Pós-Graduação em Letras. **Anais da XIV Semana de Letras da UFOP**. 2016. Disponível em:
<<https://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=49364&s=grosa>>.

Acesso em: 01 out. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico: as heterotopias**. São Paulo: n-1 editorial, 2013.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. *Introduction à une poétique du divers*. Tradução Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2013.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento do tremor**. *La cohée du lamentin*. Tradução Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In D. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (org.) **Antropologia do Ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2009.

HILST, Hilda. **A Obscena Senhora D**. São Paulo: Companhia das letras. 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. In: **Revista Língua e Literatura: limites e fronteiras**. UFSM, n.26, jun. Santa Maria: 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647>>. Acesso em: 15 nov.2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução por Juliana Araújo Lopes para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. **CODESRIA Gender Series**. v. 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8. Acesso em: 20 set. 2020.

REIS, Ana. Performance. Performance.Corpo.Contexto: trajetos entre arte e desejo. Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Dissertação. 2011.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001b.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem, 2006. In: **Núcleo de estudos da subjetividade**. Disponível: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.

ⁱ Judith Butler diz que não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, e que a identidade é performativamente constituída. É a partir da performatividade do gesto como produtor de signos abertos que abordo a performatividade enquanto campo de elaboração de existência por via do corpo. In: **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.